

Geisel: o índio não é problema menor

ESP. 29.4.77

VITU DO CARMO
Enviado especial

O presidente Ernesto Geisel não subestima o problema dos índios brasileiros, embora sua agenda oficial não lhe tivesse permitido, durante mais de três anos de seu mandato, conhecer de perto a situação de uma única aldeia. Ao surgir a oportunidade, ontem, no município matogrossense de Aquidauana, ele ressaltou, em discurso improvisado dirigido a cerca de 3 mil índios terenas, não significar tal demora "que entre nós esse problema seja menor e não mereça a nossa atenção". Geisel, que foi ao Sudoeste de Mato Grosso também para inaugurar o Centro Nacional de Pesquisas de Gado de Corte, em Campo Grande (veja matéria abaixo), explicou aos terenas que "o Brasil é muito grande, cheio de problemas, problemas de toda natureza. Entre eles, entretanto, está o vosso, e como o vosso o de muitas e muitas outras comunidades, também indígenas, e que possivelmente ainda não atingiram o grau de coesão e de desenvolvimento que vocês já têm".

Os 3 mil índios aglomeravam-se diante do palanque armado no centro da aldeia do Bananal, preparada durante dois meses com uma série de obras que melhoraram sua aparência especialmente para a chegada do presidente. E Geisel anunciou o objetivo da visita: "Vim hoje para conhecê-los de perto, para ver como pensam, como trabalham, quais os problemas com que se deparam e o que nós podemos fazer, dentro da limitação de nossos recursos, para ajudá-los".

O avião com a comitiva presidencial desceu na pista do Bananal por volta das 10 e 45. De camisa xadrez, sem paletó ou gravata, Geisel dirigiu-se ao palanque acompanhado dos ministros Rangel Reis, do Interior; Alysso Paulinelli, da Agricultura; general Hugo Abreu, chefe do Gabinete Militar da Presidência; general Ismarth de Araújo Oliveira, presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai) e o governador Garcia Neto. Bandeiras de papel eram agitadas por 629 escolares do distrito de Taunay, onde está situada a aldeia do Bananal. Os estudantes,

na maioria índios, iniciaram em seguida o canto do Hino Nacional.

Depois houve entrega de brindes — peças em cerâmica, cocares e tapetes — ao presidente. Reginaldo Miguel, capitão (chefe indígena) da aldeia de Lagoinha, uma das três abrangidas pela área de 7.200 hectares que tem o Bananal como centro geográfico — as outras duas são as de Ipegue e Água Branca — subiu ao palanque para condecorar as autoridades com um distintivo feito de bambu e penas de arara e papagaio.

Os índios terenas que frequentam cursos universitários foram apresentados a Geisel, que a seguir ouviu um discurso de agradecimento do capitão do Bananal, Tiburcio Francisco. O pronunciamento foi feito na língua original do grupo e teve como interprete um terena vereador em Aquidauana, Jair de Oliveira, que depois continuou, fazendo seu próprio discurso em português.

Começaram então as demonstrações de dança diante do palanque. O destaque foi o "bate-pau", que os índios apresentaram com o corpo ornamentado com tinta industrial e alguns deixando entrever olhos escuros entre o adorno de penas que pendia da cabeça. Ao fim de uma série de evoluções, um índio improvisou um grito que se sobressaiu entre a flauta e o tambor que acompanham a dança: "Viva o presidente!" Geisel sorriu e aplaudiu.

Às 11 e 35, o presidente desceu do palanque e distribuiu cumprimentos a uma fila de índios. Cinco minutos mais tarde, ele entrou no prédio da escola do Bananal, para ouvir uma palestra do presidente da Funai sobre os índios do Sul de Mato Grosso. A imprensa foi impedida de cobrir esta parte do programa e também não teve acesso ao galpão onde Geisel almoçaria. Nem pôde acompanhá-lo numa rápida visita, feita sem sair do carro, à lavoura dos terenas. Os jornalistas só reencontrariam Geisel na despedida, na pista de Taunay. Antes de embarcar num "Búfalo" da FAB, o presidente recebeu rapidamente o título de cidadão de Aquidauana, levado por uma comissão de vereadores.

Um documento com reivindicações de 10 aldeias da região, porém, acabou não sendo entregue. Jair de Oliveira, o índio vereador, explicou que, na reunião reservada no interior da escola, não teve oportunidade de passá-lo às mãos de Geisel. Ele o deixou então com o presidente da Funai.

No documento, os índios pedem a criação de escolas de primeiro grau e de uma unidade de ensino profissionalizante, além da complementação de funcionários no quadro do magistério. Solicitam ainda um microônibus para conduzir alunos que são obrigados a caminhar de 3 a 6 quilômetros para chegar à escola.

Reivindicam também máquinas e um caminhão, bem como a criação de um ambulatório e a doação de uma ambulância. E concluem sugerindo estudos para o estabelecimento de remuneração aos capitães de aldeia, "pois seu tempo é dedicado a cuidar dos interesses da comunidade".

A maioria dos índios mostrava-se satisfeita com a festa, que incluiu um churrasco para o qual foram abatidos 20 bois. Mas, no final, Modesto Pereija, um terena pragmático, que preferiria máquinas para realizar seu sonho de dotar o Bananal de uma grande lavoura, revelava certo desencanto com o caráter passageiro do acontecimento: "Foi como se tirassem uma pedra daqui e recolocassem no mesmo lugar".